- TEORIA LINGÜÍSTICA II
  Dia 29 - Local: IFCH 5 - 14:00-18:00
  Coordenador(a): *Maria Helena de Moura Neves*

A LINGUAGEM COMO PODER SIMBÓLICO: UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

Tupiara Guareschi Ykegaya (UNIOESTE)

O poder da linguagem, enquanto interpretação da realidade, decorre do fato de que as palavras são núcleos de significações, símbolos que determinam o modo como se interpreta as relações sociais. Para Bourdieu, estas palavras podem ser vistas como simbólicas, pois as trocas que ocorrem dentro da linguagem constituída como campo são também relações de poder que atualizam as relações de forças entre diferentes grupos, assumindo um sentido prático. Esta compreensão da linguagem requer a concepção de que há uma distribuição do capital lingüístico que se relaciona com o acesso que se tem a este, que por sua vez, deve ser situado dentro de uma estrutura de classe. A linguagem está vinculada ao campo em que os sistemas simbólicos são produzidos e reproduzidos e é a partir da existência destes que se dá margem para a violência simbólica, um tipo de violência discreta que se produz por uma classificação gerada pela própria luta pelo poder que ocorre no interior do campo. Desta forma, o poder simbólico se define como "invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo o exerce" (Bourdieu, 2003: 08). É esta forma de poder que se cristaliza pelo uso da linguagem e só se efetiva realmente quando a dominação ocorre de maneira despercebida pelos dominados. A partir destes pressupostos, a linguagem se qualifica como campo e como veículo de contradições sociais.

A REDUPLICAÇÃO DO FOCO CONTRASTIVO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Ronald Taveira da Cruz (UFSC)

Esta comunicação visa mostrar um fenômeno ocorrido no Português do Brasil (PB), já estudado há alguns anos em outras línguas como o inglês e italiano, que é conhecido na literatura como a Reduplicação do Foco Contrastivo. O foco contrastivo é reduplicado para permitir que o falante-ouvinte não fique com dúvidas sobre os acontecimentos, fatos ou lugares, resumidamente, para que o falante-ouvinte tenha precisão daquilo de que se fala, como um modo de clarificar tais situações. Em algumas línguas já pesquisadas, como o inglês, há essa reduplicação em

várias categorias lexicais; Wierzbicka (1991), de acordo com Jackendoff (2003), atribui isso também ao italiano: "A reduplicação no italiano é precisamente esta que nós encontramos no inglês: ambos processos aplicam a mais de uma categoria lexical (ex. adjetivos, verbos, nomes) e ambos operam sobre palavras em vez de morfemas" (2003:12). Também podemos atribuir esses dois fatos à reduplicação do foco contrastivo no PB: não há reduplicação de morfemas e a reduplicação pode ocorrer em várias categorias lexicais como verbo, nome, adjetivo, pronome. Por exemplo, na sentença FALAR-falar com ele não precisa, deixe um bilhete ocorre a reduplicação do verbo, já na sentença A casa não é MINHA-minha, ela é do meu pai há a reduplicação do pronome. Se a reduplicação do foco contrastivo é um fenômeno recorrente no PB, então, torna-se lícito pesquisá-lo e compará-lo com as línguas já estudadas.

CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPLEXAS COM O VERBO DAR: ESTRUTURAS DE SIGNIFICADO OU INSTRUMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS?

Leilane Ramos da Siva

Ancorado na perspectiva sociocognitiva dos estudos lingüísticos, segundo a qual a linguagem humana não é alheia aos demais processos cognitivos, o objetivo deste trabalho incide numa reflexão sobre a natureza polissêmica — nos termos propostos por Salomão (1999) — do verbo dar em estruturas do tipo dar-se conta, dar com a língua nos dentes e outras, denominadas por Alves (1998) de Construções Lexicais Complexas - CLCs. Nesse sentido, busca-se, inicialmente, proceder a uma discussão em torno dos princípios teóricos que governam o Sociocognitivismo para, em seguida, descrever as principais características do verbo dar enquanto elemento formador de CLCs, de modo a estabelecer um ponto de contato entre a referida teoria e as estruturações lingüístico-discursivas tratadas, no sentido de responder se tais estruturas são portadoras de significados ou representam instrumentos de construção de sentido.

CONSTRUÇÕES LEXICAIS EM -EIRO: UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Laura Silveira Botelho (UFJF), Neusa Salim Miranda

Neste trabalho objetivamos analisar CONSTRUÇÕES AGENTIVAS LEXICAIS EM -EIRO como uma rede de construções, tendo em conta os pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva, Sociocognitiva e da Gramática das Construções nos termos postulados por Goldberg (1995), Mandelblit (1999), Fauconnier (1997), Turner(1996), Salomão (2003) e Miranda (2003).

Nossa hipótese é de que existe uma categoria central de agente [+ humano] que motiva uma rede de construções herdeiras. As construções herdeiras são projeções metafóricas de proto-narrativas da mente humana, expandindo-se em personificações de objetos, eventos, fenômenos, espaço, elementos da natureza e estado. Nossa proposta de análise para tais construções - uma rede de construções polissêmicas, resultantes de processamentos em MESCLA (Fauconnier e Turner, 1997, 2002; Miranda,2003) - se distingue das propostas estruturalistas e gerativistas que tratam tais construções como concatenação de morfemas ou como resultado de regras algorítmicas.

GRAMATICALIZAÇÃO DE CONECTORES

Marli Hermenegilda Pereira (UFRJ)

O processo de gramaticalização de conectores tem sido objeto de interesse de várias pesquisas de cunho funcionalista. Este trabalho insere-se nessa perspectiva na medida em que focaliza as construções oracionais que têm como base um SN de valor temporal como: tempo, época, hora, momento entre outros, seguido de um conector que. Utilizamos as amostras Censo e Tendência de língua falada do Projeto Peul (Letras/UFRJ) com o objetivo de analisarmos o processo de mudança dessas expressões em tempo real de curta duração. A questão central que se coloca é a de que essas construções com SN (valor temporal) + que, tradicionalmente classificadas como orações adjetivas restritivas com o que funcionando como pronome relativo, estariam passando por um processo de gramaticalização e se transformando em locuções temporais, devido a uma ambigüidade quanto ao estatuto dessas orações, ou seja, SN seguido de oração adjetiva restritiva ou oração hipotática temporal, e nesse caso, tais construções entrariam para o terreno das conjunções subordinativas temporais. Ressaltamos as relações entre léxico, gramática e discurso, considerando, em especial, as alterações graduais de propriedades, verificáveis no funcionamento dessas construções na estruturação do enunciado. Pretendemos investigar as motivações em competição que possam estar operando nesse processo de mudança.

INCURSÃO PELO TRATAMENTO DO ADJETIVO ATRIBUTIVO NA HEAD-DRIVEN PHRASE STRUCTURE GRAMMAR (HPSG)

Albano Dalla Pria (UNESP)

A preocupação com a categorização do léxico, com a organização do léxico e com regras de estruturação sintagmática são objetos centrais para teorias gerativas da gramática, sejam elas de orientação funcional ou lexicalista. Dentro da primeira orientação, Chomsky (1995:242, nota 22) aponta que não se chegou a uma teoria de estrutura sintagmática satisfatória para determinadas questões, como os adjetivos atributivos. Sendo assim, este trabalho desenvolve-se dentro da segunda orientação, com o propósito de discutir os tratamentos sintático e semântico dados aos adjetivos atributivos no âmbito de uma teoria lexicalista, especificamente a Head-driven Phrase Structure Grammar (HPSG), utilizando-se, para tanto, de dados do português e do inglês. Apesar da preocupação com a integração sintático-semântica no tratamento dos adjetivos atributivos, a HPSG mostra-se restrita quanto à abordagem de dados muito diversificados, motivando assim, reformulações em seu modelo de gramática.

REGÊNCIA VERBAL: CONFRONTANDO REGRAS E USOS

Maria Helena de Moura Neves (UNESP), Victoria Celeste Marques

O objetivo geral do trabalho se insere na proposta de projeto maior que observa construções vigentes que se contrapõem aos cânones prescritos em obras normativas. O objetivo específico é o exame da tensão entre o que propõem esses manuais e o que ocorre nos textos quanto à regência de alguns verbos, analisando-se um córpus de duzentos milhões de ocorrências de língua escrita disponível na FCL-UNESP, Araraquara. Nesta comunicação discutem-se resumi-

damente os resultados encontrados para os verbos pagar, perdoar, chegar, ir, assistir, obedecer, lembrar(-se) e esquecer(-se), alguns dos mais tratados pelos manuais normativos. Em geral, excetuando-se o verbo perdoar, verificou-se que os usos prevalentemente seguem as prescrições normativas (74%, 47%, 80%, 94%, 77%, 86%, 85% e 89%, respectivamente). Na análise por diferentes formas verbais verifica-se que, em geral, as formas consideradas mais usuais em textos formais tiveram 100% de uso da regência padrão, como era de esperar: a segunda pessoa, o futuro do pretérito, o infinitivo flexionado e o subjuntivo, assim como também as formas pluralizadas pendem ao uso-padrão. Por outro lado, as formas típicas de narrativa pessoal (especialmente a primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo), teoricamente mais informais, apresentam o uso regrado abaixo da média. No cômputo geral (levadas em conta as ocorrências de todos os verbos), os resultados mostram que a língua escrita, de todos os tipos textuais, se guia preferentemente pela norma, e também permitem relacionar o uso da norma-padrão com as formas de linguagem mais tensa (quanto mais formal o uso, maior a obediência à norma), o que confirma a hipótese de que essa obediência constitui um ajustamento a exigências sociais, e não uma parametrização de base propriamente lingüística.

UMA RELEITURA DAS TEORIAS GRAMATICAIS JAPONESAS: DE YOSHIO YAMADA A MINORU WATANABE

Eli Aisaka Yamada (UFRJ)

O objetivo deste trabalho, dentro do Projeto Interinstitucional de Pesquisas em Língua Japonesa, é refletir sobre os parâmetros adotados pelos teóricos estudados-Yamada,Hashimoto,Tokieda e Watanabe-na elaboração de suas taxionomias.

Nesta comunicação, apresentaremos os parâmetros teóricos de Yoshio Yamada (1875~1958)no estabelecimentos das classes dos vocábulos da língua japonesa.